


Apresentação do dossiê *Arte, arquitetura e religião no século XX*


JOÃO ALVES DA CUNHA* | JOÃO NORTON DE MATOS** | PAULO F. DE OLIVEIRA FONTES***




* Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, Portugal

 <https://orcid.org/0000-0002-7399-4822>
joaoalvesdacunha.arq@gmail.com

** Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, Portugal

 <https://orcid.org/0000-0001-8250-3530>
jnortonsj@ucp.pt

*** Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, Portugal

 <https://orcid.org/0000-0003-4134-3205>
pfontes@ucp.pt

1. Introdução

Com espaçada regularidade as melhores revistas contemporâneas especializadas em arquitetura e artes plásticas dedicam um dossiê monográfico ao estado das relações entre as suas disciplinas e o domínio do religioso. É recíproco. Também as revistas do domínio das religiões, da teologia ou da espiritualidade exploram, cadenciadamente, as afinidades profundas, convergências históricas e inspiração mútua entre arte, arquitetura e religião. Não se trata de visitas de cortesia no terreno do outro, num momento cultural avançado de autonomia mútua, mas de incursões num lugar original de revisitação de si enquanto outro, em produções culturais concretas. É um intercâmbio necessário, com resultados na cartografia do fenómeno humano, das suas linguagens simbólicas e interrogações mais significativas. É neste sentido que se inscreve a iniciativa do Centro de Estudos de História Religiosa (CEHR) da Universidade Católica Portuguesa, em promover na sua revista *Lusitana Sacra* um dossiê monográfico dedicado ao tema “Arquitetura, arte e religião no século XX”. Sublinhamos de modo especial esta janela temporal aberta sobre o século XX, que preenche o espaço liminar entre o assumidamente histórico e o contemporâneo, onde encontramos obras de arte e de arquitetura que já fazem história e ainda habitam, de forma próxima, as nossas referências e vivências. Fronteira especialmente fecunda para a compreensão do tempo em que vivemos.

2. Organização do dossiê

O dossiê organiza-se em torno de eixos temáticos surgidos na convergência da prospeção da equipa coordenadora e das respostas obtidas em “chamada de artigos” oportunamente aberta.

2.1. Dois artigos de cariz mais teórico

Os dois primeiros artigos, de cariz mais teórico, podemos situá-los no eixo da dimensão transcendente da arquitetura religiosa, isto é, na tensão entre a forma e o conteúdo espiritual, na interface entre a expressividade e conotação simbólica, a atmosfera vivencial que qualificam e o programa litúrgico que propõem. Ambos procuram discernir, em torno desta matriz estética, uma arquitetura religiosa adequada às coordenadas históricas e culturais do seu tempo. Romano Guardini (1885-1968) e o Cardeal Cerejeira (1888-1976) com um desfazamento temporal de duas décadas, separadas pela Guerra de 1939-45, mostram-nos uma franca atitude de *aggiornamento* católico da liturgia, da arquitetura e das artes, que irá desaguar no II Concílio do Vaticano. A atitude da Igreja manifestava há décadas dificuldades em acompanhar o desenvolvido das novas formas culturais e artísticas. Tanto pela tendência para a cristalização das formas do sagrado, como pela obediência a um conceito rígido de tradição ou, pelo menos, sob influência da nostalgia romântica dos estilos dum passado supostamente mais religioso, ou ainda, com receio que a polémica modernista contaminasse também as formas simbólicas da Igreja. Interessa, portanto, mapear os movimentos de resistência intelectual, de criatividade artística e de abertura do diálogo da Igreja Católica com o seu tempo, também neste campo. Se em perspectiva cristã podemos olhar as artes em geral como um verdadeiro lugar teológico onde se radicaliza a expressão do sentido último da realidade, as artes e a arquitetura que procedem à liturgia participam, na visibilidade das suas formas na sacramentalidade da Igreja e tocam, com essa eficácia específica, os seus contemporâneos. Como sublinharam todos os papas desde o último Concílio, a Igreja precisa das artes e as artes participam da missão da Igreja, através das suas peculiares capacidades de harmonizar o espírito e a matéria, a interioridade e a cultura, a singularidade das obras e o sentimento de um fundo comum de humanidade. Nesse sentido, e no respeito pela autonomia específica da criação artística, a Igreja conta com as artes também na expressão da sua própria auto-compreensão ainda em trânsito, dum modelo tridentino clerical a um outro de comunhão participada, dum atitude culturalmente defensiva e de fechamento sobre si, a outra, não apenas sociológica, mas verdadeiramente teológica,

de escuta do Outro no próprio processo de encontro com os seus interlocutores. É esta trama, parece-nos, que se vai tecendo através das narrativas concretas de cada artigo, envolvendo teólogos, artistas, arquitetos, membros da hierarquia da Igreja, em contextos sociais e políticos específicos.

O primeiro texto, em torno do movimento litúrgico e do impulso singular de Romano Guardini, prolonga-se numa série de outras referências incontornáveis para uma verdadeira inteligência das relações entre arquitetura e espaço litúrgico, como sejam H. Newman (1801-1890) e L. Bouyer (1913-2004), ou os arquitetos R. Schwarz (1897-1961), E. Steffann (1899-1968) e A. van Eyck (1918-1999). Sublinhamos o que nos parece ser a afirmação mais contundente do autor Bernardo Miranda: “a ideia de que a revolução maior do século XX na arquitetura religiosa cristã é devida à devolução à assembleia viva do espaço de culto e à possibilidade de esta última traduzir a sua unidade fundamental através duma presença ativa da comunidade reunida em Igreja”.

Um diálogo, ainda que diacrónico, é em seguida estabelecido entre o arquiteto Raúl Lino e o Cardeal Manuel Gonçalves Cerejeira em torno dos seus respetivos escritos, “Espírito em arquitetura” e “Arte viva”. O autor João Luís Marques mostra-nos a surpreendente liberdade espiritual relativamente aos valores da arte e da arquitetura religiosa em duas figuras que não associamos imediatamente à modernidade, mas que apontam caminhos duma renovação fiel ao Espírito, esse “elemento misterioso original que gera a obra de Arte” – segundo o arquiteto.

2.2. Três análises de objetos exemplares de arquitetura religiosa

Num eixo temático complementar podemos agrupar os três artigos seguintes enquanto análises de objetos exemplares de arquitetura religiosa. A especificidade duma arquitetura de carácter transcendente continua presente, mas concentra-se no conhecimento aprofundado de certas realizações arquitetónicas e artísticas, nos seus autores, contextos e processos de criação, chegando à apreciação da qualidade dos acabamentos, dos quais podemos dizer, na esteira de Mies van der Rohe: *God is in the details*.

O Convento de Santa Maria do Mar em Sassoeiros, Cascais, do ateliê do arquiteto Nuno Teotónio Pereira (1922-2016), estudado por Hugo Casanova, introduz-nos às interrogações da tipologia do mosteiro, em diálogo com as monjas beneditinas da Rainha dos Apóstolos, cuja orgânica formal não surge duma simbologia especial pré-determinada, mas a partir das exigências internas da vivência monástica, entre a tradição e a atualidade. O autor evidencia ainda a procura duma expressão arquitetónica entre a simplicidade e o cuidado do pormenor artesanal numa eventual interpretação da “nobre simplicidade”, tão adequada à vida interior,

que o II Concílio do Vaticano propõe como diretriz inspiradora das linguagens artísticas na Igreja.

A Igreja de Nossa Senhora da Conceição, nos Olivais Sul, Lisboa, objeto do artigo de João Valério, intensifica um questionamento radical do programa da arquitetura religiosa, neste caso em torno da igreja paroquial. Por um lado, enquanto referência urbana numa zona nova da expansão da cidade, mas também e principalmente, no que respeita à sua organização interna, apresentada expressivamente no título como “uma igreja contra a tipologia”, o que pode ser também a busca duma nova tipologia valorizadora dos sistemas abertos de espaço, de luz e de funcionalidades em que a vida acontece. Neste sentido, enquadra-se na solução “igreja-salão”, desenvolvida em grande medida pelo Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado, enquanto resposta concreta ao desejo de abertura e diálogo com o mundo contemporâneo manifestado pelo II Concílio do Vaticano. O artigo recupera esta igreja mal-amada, e que continua inacabada mais de 30 anos depois da sua inauguração, mas de grandes qualidades, pondo em evidência a riqueza das axialidades organizadoras do espaço e da luz, a variedade dos modos de relação do interior com o exterior, a diversificação relacionada entre os lugares litúrgicos e pastorais, realizando uma “arquitetura-para-apropriação” que faz justiça à metáfora evangélica dum corpo orgânico de vários membros animados pelo mesmo espírito. Uma igreja, à frente do seu tempo, talvez, que é necessário aprender a apreciar, de forma a que se concretize todo o seu verdadeiro potencial.

A Igreja Nossa Senhora de Fátima, em Aveiro é apresentada por um conhecedor privilegiado da obra do arquiteto Luiz Cunha (1933-2019), Paulo Miranda. A sua análise contextual da encomenda e do processo de desenho é complementada por uma cuidada atenção aos elementos do espaço litúrgico e à sua organização. Sendo uma obra realizada no imediato rescaldo do II Concílio do Vaticano mostra uma compreensão amadurecida da reforma litúrgica e das suas repercussões no espaço de celebração, muito distante das adaptações sumárias então, e ainda hoje, muito praticadas. Luiz Cunha, tão legitimamente artista plástico quanto arquiteto, desenhou para esta igreja três obras de arte litúrgica, numa linguagem aproximadora das correntes tanto erudita quanto popular da arte, numa forma *sui generis* de *pop art* religiosa.

2.3. Três eixos temáticos: os âmbitos rural, tropical e de tradição Ortodoxa

Os três últimos artigos apontam três novos eixos temáticos segundo coordenadas geográfica, cultural e religiosamente determinadas, apontando concretamente para os âmbitos rural, tropical e de tradição Ortodoxa. Estes vetores, ainda

que a partir de breves amostras, abrem para uma vasta fenomenologia da arte e da arquitetura religiosa cristã no século XX, ainda que, aparentemente, os tempos não se lhe mostrem propícios.

O artigo de Plácida Molina Ballesteros conduz-nos às experiências ibéricas de colonização agrária, sob os regimes de Salazar e Franco em Portugal e Espanha. Em contraponto ao ambiente rural e às coordenadas políticas de caráter nacionalista, surgem obras de arte e de arquitetura de surpreendente modernidade. Deu-se neste contexto, discreto e realista, a oportunidade de questionar a orientação a dar à arte sacra do século XX e de experimentar linguagens contemporâneas em cenários sociais equidistantes duma imagética ornamental açucarada e dum intelectualismo artístico igualmente superficial. Assim se apresentam os casos das capelas das colônias rurais de Pegões, entre nós, e de Cilanco, na vizinha Espanha, para as quais trabalharam artistas como Artur Bual (1926-1999), Severo Portela Júnior (1898-1985) e Manuel Rivera (1927-1995).

Também no eixo da arquitetura tropical se descobrem múltiplos enriquecimentos da arquitetura religiosa cristã do século XX. Muito particularmente no que respeita ao encontro do ideário internacional da arquitetura modernista com as especificidades locais, começando pela importância do fator climático. Ana Magalhães, especialista neste tema, apresenta-nos uma série de igrejas em Moçambique e Angola, pouco divulgadas, realizadas em torno dos anos 60 por arquitetos portugueses que encontraram nas antigas colônias a oportunidade duma maior liberdade de questionamento das tipologias tradicionais e de experimentação plástica, cruzando referências à cultura local e ao modernismo brasileiro. É neste ponto, e na ideia de obra de arte total em torno à atmosfera do sagrado e duma grande unidade entre a arquitetura e as artes que importa valorizar estas igrejas num tempo pós-colonial, tanto na perspetiva das novas nações africanas como da arquitetura modernista portuguesa.

O interesse atual do ocidente pela arquitetura da Igreja Ortodoxa remete, por um lado, para as suas próprias origens, na passagem da celebração dominical cristã do contexto doméstico da *domus ecclesia* para edifícios de caráter público e, por outro, para o confronto com uma solução divergente da sua, em aspetos tanto litúrgicos como arquitetónicos. Enquanto o modelo da igreja ocidental deriva duma adaptação evolutiva da basílica greco-romana, a arquitetura religiosa bizantina gerou uma conceção espacial imediatamente derivada da função litúrgica, guardando com ela uma ligação intrínseca. Por outro lado, o modelo de igreja ocidental foi-se declinando em vários estilos, no que concerne à evolução das formas culturais ao longo dos tempos e não diz imediatamente respeito aos aspetos imutáveis da liturgia, ou mesmo pela reinterpretação desses aspetos essenciais e da sua tradução nas artes e na arquitetura litúrgica. A diversidade de estilos e

programas litúrgicos daí resultantes manifesta a vitalidade da tradição cultural e religiosa. A constatação de Bouchra Ass'ad Thome, no artigo que encerra o presente dossiê, de que a arquitetura das igrejas ortodoxas depende da rica tradição cultural bizantina e aí enraíza uma atitude conservadora, tem de demonstrar o conceito de tradição em questão, mais identificado com a própria história das formas do que com qualquer outro meta-conceito, recorrendo à análise das igrejas mais relevantes neste contexto, na sua constância e, apesar de tudo, também nas suas variantes regionais e históricas.

3. Conclusão

Ficamos com a impressão, confirmada pela amostra da presente coletânea de estudos, que partindo em má posição, e com os ventos aparentemente contrários, o século XX terá sido um tempo de uma grande criatividade para a arquitetura religiosa cristã. Longe de o apreciarmos sob o juízo de rutura com a tradição, apesar da linguagem vanguardista ir nesse sentido, podemos encará-lo como o reatar com uma tradição viva, superando os neo-historicismos ainda vigentes no princípio do século, representantes, esses sim, duma rutura na continuidade orgânica da vida que olha o futuro. Assim o compreendeu também o Cardeal Cerejeira aquando da inauguração, em 1938, da Igreja de Nossa Senhora de Fátima, em Lisboa, sobre a qual afirmou: “Quanto ao ser moderna, não compreendemos sequer que pudesse ser outra coisa. Todas as formas artísticas do passado foram modernas em relação ao seu tempo. Igreja dos nossos dias, devia traduzir, em quanto lho permitisse o carácter sacro e a finalidade cultural, as expressões da técnica e da arte contemporâneas. Copiar cegamente formas artísticas doutras épocas, será fazer obra de arqueologia artística; mas não é seguramente obra viva de arte”.

Mais além do apreço pela arte e da arquitetura religiosa dos nossos antepassados e do cuidado que lhe é devido quando a sua qualidade continua a alimentar a nossa vida espiritual, a vitalidade religiosa duma época não pode deixar de transparecer na vitalidade da sua arte e arquitetura, em geral, e religiosa em particular. O contrário seria sintomático de estagnação espiritual em ambos os sentidos de isolamento cultural e de fechamento religioso à presença e ação do Espírito. Talvez a problemática em torno da dimensão religiosa da arte moderna e das suas possibilidades litúrgicas, menos presente neste dossiê, seja mais complexa. Afinal, a arquitetura é de algum modo forçada até pelos aspetos funcionais e técnicos a manter um contacto mais estreito com o seu tempo, ainda que, como sabemos, a sua dimensão transcendente não provenha apenas dessas fontes.

Aos investigadores, autores dos artigos, agradecemos continuarem a trazer à luz os rostos, as narrativas dos processos e dos contextos, e as obras de arte e de

arquitetura, testemunhos de vivências e de atitudes cívicas e culturais de manifesta contemporaneidade e que continuam a ser, para muitos e de formas diversas, reveladoras e inspiradoras da dimensão religiosa da vida. Afinal, expressão de uma reclamada autonomia das diversas esferas da vida social e conseqüente reconhecimento da pluralidade cultural resultante dos processos de secularização das sociedades modernas.

